

# UNIVERSIDADE POPULAR MARANHENSE

BRASIL

ORMA  
869.09  
P3412

BIBLIOTHECA PUBLICA  
do  
ESTADO DO MARANHÃO

## A Literatura Portugueza na Idade Média

ORMA  
869.09  
PAX  
LIT

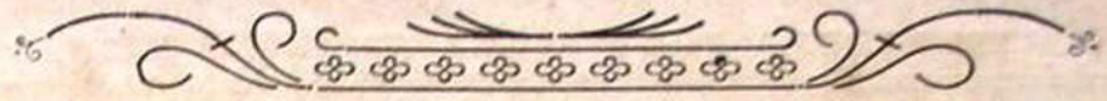
Conferencia realizada por Fran Zárate,  
na Universidade Popular Maranhense, no  
dia 15 de dezembro de 1909.



MARANHÃO

Imprensa Official

1909



---

# A Literatura Portugueza na Idade Média

---

## (13.<sup>a</sup> Conferencia)



BIBLIOTECA PÚBLICA  
ESTADO DO MARANHÃO

Tempo enovelado em trevas, como quizeram, por longo espaço, que fosse o medieval, só no seculo XIX principiou a ser estudado,—nas suas crenças, nos seus costumes, na sua literatura, nos seus governos. Augusto Comte, com uma colossal pujança de sistematizador, é que norteou os historiadores e os filozofos sobre o criterio com que devia encarar se essa éra ajitada, prenunciadora de uma revolução radical, no sentir e nas idéas.

A baze da sociedade que se preparava cimentava-se nos jorros de sangue derramados pelas discordias. As contendas religiozas, embatendo povo contra povo, os prelios politicos, subjugando os baronetes feudais, para entronizar potestades hereditarias, as lutas intestinas, acezas pelas rivalidades territoriais, o degladiamento do Papado e da Realeza, pretendendo ambos o exercicio

duplo do poder espiritual e temporal, tudo isto, despertando odios implacaveis, amontoando vitimas infinitas, concorreu para o aperfeiçoamento cauto da etica e da mentalidade sociais.

As pesquisas levadas a cabo nos ultimos cincoenta anos trouxeram á tona provas concludentes. Pode julgar-se agora a outra luz, com a documentação carreada para a publicidade, essa epoca tão contraditoriamente examinada pela critica e pelos publicistas. A historia literaria, escorçada por Sainte Beuve e teorizada por Taine, é presentemente um dos maiores auxiliares da Sociolojia. As suas investigaçōis, em especial na parte aluziva aos seculos medievos, são soberbas de ensinamento. Os cancioneiros e romanceiros populares, fornecendo o fio condutor das rebuscas, isto é, revelando-nos as fontes tradicionais das literaturas, contribuiram em larga escala para o ajuizamento das manifestaçōis da imajinativa e do raciocinio da humanidade.

Saiu do prelo, em abril do ano fluente, o primeiro tōmo da *Recapitulação da Historia da Literatura Portugueza*, de Teofilo Braga, o preeminente pensador. A *Historia* integral alonga-se a trinta e quatro livros, alguns de cerca de noventa pajinas. Esse primeiro tōmo da *Recapitulação* abrange a *Epoca Medieval*, que na *Historia* literaria completa se compõe de quatro volumes—*Os trovadores portuguezes*, *O Amadis de Gaula*, *Os poetas palacianos*, *Os Historiadores Portuguezes*. A materia destas obras, e da *Introdução e Teoria da Historia da Literatura Portugueza*, está doutamente compendiada nas quinhentas e dezenove paginas que acabo de ler, com a ansia do estudiozo, envolvido numa

BIBLIOTHECA PUBLICA  
FRAN PAXECO  
do  
ESTADO DO MARANHÃO

veneração ilimitada e num culto crescente pela grandeza intelectiva do Mestre.

Esta época reparte-se em dois períodos—o primeiro, com as fases da escola trovadoresca e dos *laïs* do *Amadis*, vai de 1192 a 1385, e o segundo, com as fases dos poetas palacianos e dos cronistas, estende-se de 1385 a 1495,—ano da morte de João II, o gigantesco aplanador do Portugal Maior.

Teófilo, ao abrir o seu luminoso rezumo, afirma:— «Tão importante é a história dos descobrimentos marítimos dos portugueses como a da sua literatura; este poder de ação e de criação estética explica o fenômeno sociológico da sua autonomia política, através das crizes das nações peninsulares, das conflagrações europeias e do empirismo boçal dos seus próprios governantes.—O povo português, cuja raça foi caracterizada, por Frederico Edwards e Deniker, como das mais puras da Europa, e cuja nacionalidade Pi y Margall apontou como a de mais lógica formação, entre os vários Estados peninsulares, conserva as suas tradições poéticas com uma integridade arcaica, destacando-se, entre o folclore ocidental, pela sua riqueza e vitalidade, como observou Jeanroy. Com estes elementos fundamentais ou orgânicos, a elaboração da literatura portuguesa é o produto do *etos* da raça, do sentimento da nacionalidade e da consciência histórica, acompanhando solidariamente a evolução estética das literaturas românicas, na Idade Média, na Renascença e na época do Romantismo, seguindo a ação hegemônica de cada uma delas, e por seu turno influindo também na criação da novela de cavalaria e na corrente do Humanismo. O estudo histórico deste

produto superior do jenio portuguez, acompanhando-o nas suas relaçōis cōm as literaturas modernas, através dos movimentos sociais e politicos da peninsula íspanica, presta se á aplicação de processos criticos, que só podem realizar-se comprendendo a psicolojia coletiva e o ponto de vista sociolojico». (*Recap.*, pags. 1 2).

E' habito glorificar se, hoje em dia, o predominio material e a força intelectual dos anglo-saxonios. Verifica-se, no entanto, olhando para o passado, que aos gaulezes e aos gregos é que se deve a civilização hodierna. Aqueles nada mais fizeram do que apossar se do que estes, com lúcida intelijencia e culminante esforço, haviam adquirido.

«A hejemonía da França, na Idade Média, é uma expansão da cultura do jenio gaulez, que, desde o IV seculo, antes da nossa éra, se revelara pelos estudos cosmograficos de Pitéas e Eutímenes, de Marselha, e de Erastótenes, da Narboneza, de que tanto se aproveitaram Strabão e os jeografos gregos. Esse mesmo jenio gaulez atuou no norte da Italia sobre Roma, pelo grande numero dos seus poetas, historiadores nascidos na Galia Cizalpina, contrabalançando-se com a influencia do meio-dia ou da Grande Grecia. Cezar foi discipulo do gaulez Gnifon, Cicero foi dirijido pelo gaulez Roscio, Tacito discipulo de Marcus Apes. Foram gaulezes os criadores do teatro romano; e, desde que a Galia foi reduzida a provincia de Roma, um novo esplendor se reflete nos produtos do seu jenio. Junto de Trajano e de Adriano era exercida a influencia da cultura gauleza por Favorinus e junto de Marco Aurelio por Frontonio. Esses filozofos, politicos e oradores, pela sua moral, encontram-se com os estoicos e

preparam, pelo contáto com o jenio grego, o estabelecimento de uma nova sociedade religioza, em que a confraternidade gauleza se tornaria em breve o fóco do cristianismo. São das Galias os grandes padres da igreja, como Sto. Irineu, Sto. Ambrozio, Sto. Hilario, S. Martinho, S. Paulino, Sulpicio Severo, Sto. Honorato e Vicente de Lerins. E' em volta de Carlos Magno que se reunem os claros espiritos dedicados ao renascimento literario, historico e filozofico, como Alcuino, Walfried Strabo, Raban Maur, S. Prudencio, Hincmar, João Scot. A cultura grega, cujo centro fôra Marselha, e a cultura romana, mantida em Toloza e em quaze toda a Galia meridional, integradas pelo jenio gaulez, além das condições mezolojicas, deram á França,—já incorporado o elemento barbaro—, a missão civilizadora hejemonica sobre todos os povos da Idade Média. Pela rejião da Aquitânia, propagava-se á Italia e á Espanha a poezia trobadoresca da Provença, que encontrava as mesmas tradições preceltas e os mesmos estímulos de contáto com os arabes. Pela fuzão com o elemento franco, tinha a França as condições para influir diretamente sobre as raças jermanicas da Inglaterra, pelos normandos, e da Alemanha, pela comunicação das canções liricas, da propagação das suas Universidades, dos seus dogmas teolojicos e doutrinas politicas.—Como a nacionalidade franceza foi a primeira que se formou, assim mais cedo se criou a sua literatura, vindo a ser imitada por todos os outros povos da Europa. Dizia Martin de Carrale, em 1275, justificando-se de escrever a historia de Veneza em francez:—«*Parce que la langue française cort parmi le monde,*

*et est la delitable à lire et à oír que nulle autre». Desde a Idade Média até ao nosso seculo, a hejemonía da França foi reconhecida pelos mais elevados espiritos, como Dante e Brunetto Latini e Aldobrandini de Sena. — Esta fuzão de raças reproduz os seus caratéres nas criaçōis do espirito: o elemento *galo-romano* da França meridional, depois da primeira cruzada, desenvolve os jermens tradicionais do seu lirismo, das alvoradas, das serenadas, das tençōis, dos *puy* ou ajuntamentos poeticos, nas cançōis escritas dos trovadores ocitanicos, que se propagam e são imitadas no norte da França, na Italia, Portugal e Espanha, na Alemanha, onde aparecem os *minnesingers*, reproduzindo todos os artificios da *gaia ciencia*. O elemento *galo franco*, que apoiou a unificação nacional da França, desde Carlos Magno até Joana d'Arc, idealizou o grande tipo imperial nas epopéas ou *jestas* carlinjias e na luta dos poderozos vassalos feudais contra a unificação monarquica. E' extraordinaria e verdadeiramente assombroza a difuzão desta eflorescencia épica: na Alemanha do seculo XII é traduzida a jesta de *Roland* e reelaborada, no principio do seculo XIII, por Striker; Aliscans é imitado por Wolfram d'Eschenbach, com o titulo de *Wilhelalm*. Na Neerlandia são conhecidas as jestas de *Roncesvaux*, *Guitechin*, *Floovant*, *Ogier*, *Renaud*, *Aiol* e os *Lorrains*. Na Escandinavia a compilação do *Karlamagna-Saga* abrange o *Couronement de Charles*, *Doon de la Roche*, *Ogier*, *Aspremont*, *Otinel*, *Roncesvaux*, *Moniage Guilhaume*. Na Inglaterra são conhecidos *Fierabraz* (*Sir Ferumbras*), *Otinel*. Na Italia, como escreve Léon Gauthier:—«*Roland*, *Ogier* e *Renaud* acham uma segunda patria. Na rejião lombarda,*

veneziana, é que esta feliz popularidade teve começo, e jograis franceses aí primeiro os cantaram». Nos *Reali di Francia*, de Andréa de Barberini, se condensaram *Fioravante*, *Beuves de Hanstonne*, *Enfances de Charlemagne* e de *Roland*. Sobre este ciclo galo franco trabalharam, dando lhe forma artística, Pulci, Boiard e Ariosto, fazendo a transição para a epopéia histórica. Na Espanha foram conhecidos — a jesta de *Gerars de Viane*, única de que ficou manuscrito, *Fierabras*, *Historia de Carlos Magno e de los Pares de Francia*. Em Portugal conheceram-se a jesta de *Roland*, os *Doze Pares* e a jesta de *Jean de Lanson*, e muitos dos temas carlinjios entraram na elaboração dos romances populares. O elemento galo-bretão propaga os poemas de amor e de aventuras, da *Tavola Redonda*, do *Santo Graal*, de *Tristão e Iseult*, de *Flôres e Brancaflôr*, de *Percival*, de *Lancelot do Lago*, de *Merlin*, simpáticos a todos os povos do norte a sul e até ao Oriente, confundindo-se com o espírito messianico da cavalaria celeste e sustentando-se no gosto, através da Renascença, nas novelas de cavalaria, escritas na proza das crónicas nacionais. O elemento latino e eclesiástico presta à literatura francesa as interessantes lendas ajiolójicas, os poemas de *Troie, la grant*, de *Alexandre*; as canções latinas dos escolares e goliardos, os *fabliaux* e as novelas dezenvoltas, as *soties* e farças, em que se elabora o teatro moderno. A cultura classica é recebida em Pariz e Toloza, para onde convergem os principais espíritos, como Dante, Brunetto Latini, Bocacio, Petrarca, nessas Universidades mais, onde os alunos se agrupam por *nações*. — Sem conhecer estes aspetos fundamentais da literatura francesa não poderão ser bem apreciadas as literaturas românicas,

quanto :o desdobramento similar das suas orijens. Póde-se dizer que, até ao fim do seculo XV, a literatura franceza, na evolução organica dos seus elementos tradicionais, nas fórmas lirica, épica e dramatica, exerceu uma incomparável ação hejemonica». (*Recapitulação*, pags. 120-125).

O formidavel exejeta d'As *Lendas Cristãs* trata apôs da vida literaria da Italia, da Espanha e de Portugal, na Idade Média, bosquejando os preludios da Renascença, no *seculo aureo*, e entrando no esbôço das epochas historicas da literatura portugueza, caraterizando o estádio inaugural, que é o que nos interessa agora. No primeiro periodo—predomina o lirismo trobadoresco em todas as côrtes europeas, e essa corrente propaga-se a Portugal, primeiramente acordando os latentes jermens populares, depois pelas relaçõis da corte portugueza com a de Leão, á qual converjam os trovadores italianos, como Sordelo e Bonifacio Calvo, referidos e imitados nos nossos cancioneiros, e por fim, pela emigração de alguns fidalgos portuguezes, que acompanharam D. Afonso III, quando conde de Bolonha, durante a sua permanencia na corte de S. Luiz, que era então o meio ativo da imitação da poezia provençalesca, modificada pelo norte da França. —Uma faze nova de dezenvolvimento lirico começa com o rei D. Diniz, que imita diretamente a poetica provençal, elaborando, ao mesmo tempo, as fórmas tradicionais populares dos *Cantares de amigo*, das *Serranas* e *Dizeres galezianos*. Por ultimo, a poezia provençalesca decái do gôsto da corte, sendo preferidos os *laïs* bretóis, que, pelo seu dezenvolvimento narrativo, levaram á criação da novela em proza do *Amadis de Gaua*. Os *laïs* narrativos

tinhiam dado tema aos poemas gallo-bretões de *Tristão* e de *Flôres* e *Brancaflôr*, muito lidos na corte portuguesa, que também influía na corte castelhana de Afonso XI, depois da batalha do Salado. — Na grande época da primeira Renascença, refletiu-se em Portugal a cultura das Escolas de Pariz, onde iam estudar os conegos de Santa Cruz de Coimbra. Figuram nessa época os grandes luminares Pedro Hispano, cujas *Sumulas lojicas* dominaram até ao século XVI, em todas as escolas da Europa; o místico Santo António de Pádua e frei Gil de Santarem, que, antes de entrar na ordem dominicana, se entregou aos estudos medicos. A cultura latina coadjuva o desenvolvimento da independência do poder real; cria-se a Universidade de Lisboa-Coimbra, e a língua portuguesa, que se mostra, na sua beleza, nas narrativas epizódicas dos nobiliários, enriquece-se, por um grande número de traduções do latim da Bíblia dos santos padres e dos moralistas.

No segundo período — «não se continua o desenvolvimento da poesia provençal, como sucedeu na Itália com Petrarca, e na Espanha, já secundariamente, por Micer Imperial. Quando, sob a regência do infante D. Pedro, se reconciliam as cortes de Portugal e Castela, o lirismo castelhano da escola de Juan de Mena é imitado pelo próprio D. Pedro, por seu filho, o condestável de Portugal, e em Portugal são imitadas e por vezes traduzidas as poesias do arcipreste de Hita, do marquez de Santillana, de Jorge Manrique e de Hernan Perez de Gusman, predominando essa fascinação do *castelhanismo* no *Cancioneiro Jeral* de Garcia de Rezende. A influência galobretã manifesta-se, ainda, na predileção das novelas da

Tavola Redonda, na *Demanda do Santo Graal*, no *Joseph aq Arimatéa* e em outras, que o rei D. Duarte colijira na sua magnifica biblioteca. A preferencia pelas obras da antiguidade classica já se revela em obras compiladas ou traduzidas de livros latinos, como Séneca, Tito Livio, tambem colijidas na biblioteca do rei D. Duarte. A Historia recebe a sua forma literaria, sob o influxo do poder real, nos cronistas Fernão Lopes, Gomes Eanes de Azurara e Rui de Pina, através das tentativas da redação latina definitiva da historia nacional. Introduz-se a imprensa: a mocidade portugueza vai á Italia frequentar as escolas dos humanistas da Renascença. Começa a Era dos grandes Descobrimentos». (Recap., pags. 139-142).

Teófilo, encetando a critica minudente da tão deturpada epoca medieva, ocupa se da predominancia do sul da França,—«que deveu á liberdade democratica do municipalismo a conservação das suas tradições e o vigor da sua cultura». Informa que os cantos gaulezes eram exclusivamente orais, porque uma proibição religiosa os impedira de ser escritos. Apodavam os bardos de histrionis e jograis, depreciando-lhes a qualidade espontanea de menestrelis.

Leem-se, em seguimento, estas passagens eruditissimas: —«A escola trobadoresca mais brilhante foi a de Toloza, entre a Gasconha e o Auvergne, o fóco mais antigo e natural da poezia meridional, como observou Fortoul, notando que a Provença, entre o Ródano e os Alpes, foi a escola menos fecunda e menos celebre. O titulo de poezia provençal tornou-se, pela sua extrema jeneralidade, uma designação falsa, apesar do brilhantismo das suas

côrtes aristocráticas. A poesia trovadoresca teve diferentes fócos, ou centros de cultura: no fim do século XI, Poitou, Saintonge e Guienne, em que a nobreza, após Guilherme de Poitiers, cultiva a canção do amor; no começo do século XII é o fóco da Gasconha e Auvergne, em que o gosto popular aparece, simultaneamente com o entusiasmo da nobreza; em que Cercamons, Marcabrus e Peire de Valeira revelam a dependência da tradição poética e Pierre de Auvergne a preocupação literária; entre a zona oriental e a ocidental, há o fóco do Limousin, Périgord e Quercy, em que o povo e a burguesia rivalizam com a nobreza, na arte e espirito; e, abaixo destes limites, nas margens esquerda e direita do Ródano, a Provença e o Languedoc (Tolosa e Montpellier). Pela determinação destes fócos é que se caracterizam as correntes do lirismo, como as migrações dos trovadores, levando para as diversas cidades o interesse ou a moda do *gai saber*. (Recap., pags. 164).

E prosseguindo, em doutissimas deduções, chega a estes assertos:—«Como foi, pois, que o lirismo trovadoresco português se propagou inicialmente a todas as cidades peninsulares, como afirmou, na sua celebre *carta*, o marquês de Santillana? Este facto, que só modernamente se explica, dá uma feição excepcional e única à Escola trovadoresca portuguesa. Ela estabeleceu-se fora de toda a influência, direta ou imediata, dos trovadores occitanos. Os modernos estudos sobre a literatura portuguesa levaram à conclusão de que se não descobriu prova manifesta de qualquer trovador, mesmo dos que frequentaram as cidades de Leão, Aragão e Castela, vizitarem a corte de

Portugal. Determinada a época em que floresceu a poesia trobadoresca do meio dia da França, o lirismo português foi sincronico, desenvolvendo-se sobre os elementos tradicionais populares, quando a vida nova da nacionalidade, que se afirmava autónoma, se expandia, por essa energia orgânica e profunda». — «Este caráter de ingenuidade popular proveiu de uma existência própria e não de uma imitação servil. O lirismo trobadoresco português serviu-se de uma língua nacional, que tornou Portugal o Poitou das cortes peninsulares, e exprimiu sentimentos do ethos luso, que não se confundem com os que se repetem nas canções dos provençais». (*Recapit.*, pags. 167 169).

Afonso Henriques (1109-1185), o alicerçador da monarquia portuguesa, consumiu cerca de sessenta anos em pelejas contra os sarracenos. E, embora os vates o concitassem à batalha, em canções ardentes, o sobresalto em que se andava não permitia vagares descuidados. Em 1146, quando o rei se consorciou com a princesa Mahaut (Mafalda, de Saboia e Mauriana), iniciou-se um estreito convívio com o género poético trobadoresco. Guimarãis, nesse momento residência da corte, converte-se em lugar de reunião dos próceres ou fidalgos e dos bispos. «A vida burguesa vivifica a canção tradicional, que acompanha os bailes de terreiro e as romarias distantes. O caráter burgues dos trovadores occitanos ajuda-nos a compreender esta expansão do lirismo. Ondas de poesia brotaram deste centro, que encantava os fidalgos, os quais não hesitavam em tomar conhecimento dela e exibi-la nas cortes de Leão, Aragão e Castela. A Galiza estava então decaída da sua autonomia, escravizada na incorporação

leoneza, e afastada das relações de Portugal, desde as lutas contra D. Tereza e os fidalgos galegos. Era uma eflorescência inteiramente portuguesa». — «A Galiza, apesar dos seus antecedentes étnicos persistentes e das tradições líricas populares orais, pouco podia influir na expansão e florescimento do lirismo galego português. Pouco durou a sua independência, como condado livre, em 863, sendo, com a consequência do espírito unitarista da reconquista cristã, anexada a Leão, em 885; não lhe valeu a resistência de vinte e cinco anos, para recuperar a autonomia, caindo outra vez, nessa unificação forçada, em 981; e, sob a ação imperialista de Afonso VI, foi incorporada para sempre a Castela, em 1073. E, à medida que a Galiza foi perdendo o espírito da liberdade e a esperança da independência, a sua língua foi abandonada pelas pessoas cultas, mantendo-se no simples uso popular, numa atrasada rusticidade, tornando-se, por isso, muito raros os seus monumentos escritos ou literários. — Nesta situação miseranda, que influencia poderia exercer a Galiza nesse fenômeno brilhante do aparecimento do lirismo peninsular, que irradiou do norte da Espanha, da região galego portuguesa? Nenhuma». (Recap., págs. 173 a 176).

Milà y Fontanals, no volume respeitante a *Os trovadores em Espanha*, julgou as composições da escola trobadoresca portuguesa naturais, afetivas, de estilo simples, mas monotonas, apesar de atraentes. Teófilo, transcrevendo a asseveração de Fontanals, anota: — «Essa simplicidade natural e aparente monotonia é uma característica do gênio português, uma das suas seleções inconfundíveis, tão difficilmente apreendidas pelos estrangeiros, ao primeiro

encontro. Sobre este fundo orgânico e preexistente é que a escola trovadoresca portuguesa evoluciona, em um período que vai de Sancho I até D. Pedro I, representadas pelas formas do seu lirismo as três nacionalidades ibéricas: a Asturio-Galecio Portuguesa, tendo como chefe o rei D. Diniz, a Catalana-Aragoneza, com Jaime I, e a Castelhana, com Afonso, o *sabio*. Foi neste concurso do gênio estético que competiu a Portugal a reconhecida hegemonia». (*Recap.*, pags. 181).

Estranhar-se-á que tivessem triunfado, em camadas cortezanescas, as rudimentares canções da plebe, rechazando as idealizações fácticas e impondo-se aos fazedores de alegorias insulsas. «Pelo conhecimento do meio *courtois*, nas suas relações com as cortes peninsulares, não só pelos casamentos reais, mas ainda pelos conflitos, que forçaram muitos fidalgos de Portugal a exilar-se nessas cortes, é que se pode compreender este fenômeno excepcional: a originalidade da escola trovadoresca portuguesa e esse outro facto extraordinário de ser a língua portuguesa a preferida, nas cortes da Península, para a expressão do nascente lirismo». (*Recap.*, pags. 181-82).

A escola trovadoresca, com as modificações por que passou e à vista dos documentos literários cronologicamente enfeixados, parte-se nestas fases, segundo o sapiente consenso do eminentíssimo crítico:—«*Ciclo pre-afonsino* (1185 a 1248), que abrange os três reinados de D. Sancho I, D. Afonso II e D. Sancho II; *ciclo afonsino* (1248 a 1279), em que, durante o reinado de D. Afonso III, a poesia lírica é cultivada principalmente pelos fidalgos que estiveram com ele na corte francesa; *ciclo dionizio* (1279 a

1385), em que o rei D. Diniz, como o mais fecundo e mais talentoso trovador português, cultiva e protege a lírica artística e, ao mesmo tempo, os que conservam a simpatia pelas cantigas populares; *ciclo dionizio* (1325 a 1357) em que as canções provençais são substituídas pela imitação dos *laïs* bretões, que, tornando-se narrativos, determinam a forma da novela». (Recap., pags. 182).

Detalha, em seguida, com o severo método que prezide a todas as suas obras, os conspetos primordiais dos diferentes nucleos de trovadores, acima enumerados, apresentando o quadro social do segundo, terceiro e quarto reinados portugueses. D. Urraca, filha de Afonso Henriques, contrai esponsais com Fernando II, rei de Leão, do qual se divorcia, por exigência do papa. Deste casamento houve Afonso V, pai de Fernando III, o santo, que juntou a coroa de Castela á de Leão. Os nobres lusitanos, pela intimidade com a corte de Leão, puderam apreciar de perto os troveiros provençais. «Sob a impressão dos cantores de Hugo de San Cyr, Guilherme de Adhemar, Elias Cairel, Beltran de Almanon, Sordelo de Mantua, Azemar, o negro, e do grande mestre dos trovadores Girand de Borneil, os trovadores portugueses adaptaram a língua nacional á expressão do sentimento amoroso, na sua forma metrífica, vindo assim a tornar a língua portuguesa exclusiva da nova poética nas cortes peninsulares». (Recap., pags. 183-84).

Sancho I casou com D. Dulce, ou Aldonça, irmã de Ramon Beranger; D. Berenguela, outra irmã deste, alia-se conjugalmente a Afonso VII. Foi esta rainha quem instilou na corte castelhana a civilização da Provença. Os

menestrelis Rambaud de Vaqueiras e Bonifacio Calvo versejaram no idioma luzonio. Sancho I dedilhou igualmente a lira. Teceu um *Cantar de amigo*, que se vê no Cancioneiro Colocci-Brancuti, n.º 45. E', de todos os cantares dessa remota idade, o mais antigo. Dos seus amores com a Ribeirinha nasceram Jil Sanches e Rodrigo Sanches, que não se esqueceram de trovar um pouco. Jil era clérigo e cohabitava com D. Maria Gomes de Souza, uma das *Netas do Conde*, — o mais rico homem de Portugal. Essas *netas* conheciam-se pelas troças que os cantadores faziam aos seus transvios, ratificados pelos nobiliarios e por alguns trechos do Cancioneiro da Ajuda. De tais *netas* um, D. Tereza Jil, foi favorita de *Sancho, o bravo*, filho de Afonso, *o sabio*, e outra, D. Elvira Anes, roubou-a o infanção-trovador Rui Gomes de Briteiros.

«A morte de D. Sancho I veiu dar largas ás malevolências contra os seus bastardos e anarquizar a corte de D. Afonso II, que não se prestava a cumprir o testamento do pai, surjindo a luta armada dos partidarios das suas irmãs. D. Afonso II herdou tambem as dificuldades da corôa com a curia romana e, pelo desenvolvimento que deu ás povoações, concedendo-lhes forais, vê-se que não firmava a sua soberania na confiança da nobreza. O seu curto reinado deixou de pé todos os conflitos, que pezaram cruelmente no seu sucessor D. Sancho II». (Recap., pags. 198).

Este dinasta imbuiu-se de pendores pelas couzas de Castela, unindo-se maritalmente a D. Mecia, filha do potentado biscainho D. Lopo Dias de Haro, valido do rei castelhano. As varias façôis dos fidalgos, pescando nas

aguas turvas de uma situação anormal, provocaram a Lide do Porto, em 1245. Deste combate resultou o exôdo, para a corte pariziense de Branca de Castela, dos destroçados. Os trovistas do ciclo pre-afonsino, que poetaram da ultima década do seculo XII até 1245, encontram-se no Cancioneiro da Ajuda, suprindo-se, pelo Cancioneiro Colocci-Brancuti, os trovadores que ocupavam as folhas perdidas do códice membranaceo. (Carolina Michaelis, *Canc. da Aj.*, II, 322). Vinte e dois bardos fizeram o encanto das cortes de Guimarãis, Coimbra e Santarem, e entuziasmaram, com a sua emoção, os cortezãos radiozos de Leão, Aragão e Castela, ombreando com os poetas mais aplaudidos da Italia e da Provença. O idioma portuguez tinha a primazia, —a adezão dos troveiros e dos prozadores, por se definir com um cunho particular.

D. Afonso, irmão de D. Sancho II, auzentou-se de Portugal, quando se cazou sua irmã D. Leonor com o principe Valdemar da Inglaterra, em 1229. Aproveitou o ensejo para se demorar na corte de S. Luiz, na qual Branca de Castela, sua tia, dezem penhava o cargo de rejente. Ao redor da rainha viuva, muito joven e formoza, ferviam os enredos, a intrigalhada. D. Branca promove o matrimonio do principe D. Afonso com sua sobrinha Matilde, a viuva condessa de Boulogne. Os fidalgos rompem então contra o monarca reinante, amargurando a lua de mel do irmão. Os bispos recorreram ao papa, tramando a deposição de D. Sancho II, e os batidos homiziram-se na França, onde se insinuaram no animo de D. Afonso. Este parte para o paiz natal, a ocultas, e consegue o apoio de alguns alcaides venais. Em Pariz achavam-se, nessa data, membros

das familias dos Baiãis, dos Porto Carreros, Valadares, Melos, Alvins, Raimundos, Nobregas e Souzas, sobrenomes de muitos dos trovadores que se evidenciaram na corte de D. Afonso III. A satira, escarmentando a deslealdade e as tricas entre os dois irmãos, era o ramo literario mais em voga nesse edificantº periodo, de triste lembrança na historia portugueza.

«A influencia do lirismo do norte da França sobre as nações meridionais, como pretendem Gaston Paris e o seu discípulo Jeanroy, não se pode fixar na época provençal, quando a França meridional era incorporada violentamente na unidade monárquica. Dessa época não se encontram canções liricas em língua *d'oïl*; e Jeanroy vê-se forçado a recompô-las pelas canções portuguesas e italianas, tomando-as como reflexo delas. Essas canções, de caráter objetivo ou *de toile*, do norte da França, somente se vulgarizaram no século XV, pelo meio indireto das melodias francesas, como vemos com Jil Vicente, introduzindo uma dessas cantigas, vindas de França, no *Auto dos Quatro Tempos*, cuja melória se encontra no cancioneiro musical do século XV, de Barbieri.—Quando Afonso III assistia na corte de França, com os fidalgos portugueses que aí se refugiaram, conspirando contra D. Sancho II, estavam em moda as letrilhas e cançonetas em língua *d'oïl*, que eram compostas sob o influxo das *vilanelas* da Gasconha, dos refreiros do Auvergne, mais conhecidos ali pelo título de sons *poitevins*. Foi esta forma, a *pastorela* francesa, que D. João de Aboim e outros fidalgos reproduziram, com certa arte, na corte de Afonso III, em Santarem e em Lisboa». (Recap., pags. 211-12).

Depois de duas citações da cultissima romanista D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, numa das quais analiza uma téze de Jeanroy, o sábio pensador do *Sistema de Sociologia* expõe esta opinião do notável filólogo Paul Meyer:—«A poezia lirica franceza é formada por duas correntes, uma propriamente nacional, a outra *meridional*. Estas duas correntes são reprezentadas nos nossos velhos cancioneiros francezes dos séculos XIII e XIV, e teem toda a apariencia de que as canções de fandeiras, canções de damas, que constituiam a parte mais preziosa da nossa antiga poezia popular, nunca teria sido colijida, se o exito da poezia do meio dia não viesse pô-las em consideração. O mesmo aconteceu em Portugal». (România, 1876, pags. 267).

A corte de Afonso III padeceu o assédio de cantores erradios, quando esse rei despozou uma filha bastarda de Afonso X. «A escola trobadoresca portugueza, afastando-se, pelo artificio e prurido aristocratico, das fontes populares, ia esgotar-se na atividade banal das canções de escarneo, suscitadas pelas dissidencias politicas. O que se passava na corte de Afonso X, de Castela, refletia-se na portugueza, nessa abundancia de *cantigas de maldizer*».

Refere alguns versos satiricos e acrescenta:—«O ciclo afonsino tocava o seu termo, quando a corte portugueza acompanhava o recolhimento do rei, pela prolongada doença. Para rezistar ás exigencias dos seus privados e do clero, que lhe deram o trono, D. Afonso III afetou, como valetudinario, crizes de sofrimento, dizendo os documentos contemporaneos—«que avia bem catorze (anos) que jazia em huma cama e que se nom podia levantar». Serviu-lhe esta

situação para fazer organizar um grande cancioneiro trobadoresco, obtendo, pela sua posição especial, os cadernos das trovas que existiam por mãos dos fidalgos, nas cōrtes de Castela e Aragão, e em Portugal; e isso quando, ao mesmo tempo, dava a seu filho D. Diniz uma esmerada educação literaria». E na pajina seguinte relembrá :—«D. Carolina Michaelis, que estudou fundamentalmente o Cancioneiro da Ajuda, reconstituindo-o nas partes truncadas e fragmentadas pelos lugares commus, nos dois Cancioneiros de Vaticana e Colocci Brancuti, completando a série das cançōis, pôde, pelo estudo biografico e dados cronolojicos dêsses trovadores, determinar os ciclos aulicos a que pertencem». (*Recap.*, pajs. 228).

Está apurado que atinjiram o numero de trinta os trovadores que soltaram descantes no reinado turvo do *bolonhez*.

No ciclo dionizio, de 1250 a 1290, principia a decadencia da maneira provençal de poetar. Paul Meyer assinala :—«A idade de ouro da poezia dos trovadores não foi longa: durou um seculo, pouco mais ou menos,—dos primeiros anos do seculo XII á cruzada albijense. A maior parte dos trovadores emigrou para Aragão, para Castela, para a Italia, e a poezia provençal lançou aí o seu ultimo fulgor, enquanto se extinguia lentamente nos paizes em que nasceu». (*România*, 1876, pajs. 263-265).

Os troveiros castelhanos, galaicos, andaluzes e aragonezes cercaram D. Diniz, que os estimava e retribuia. O *lavrador* era filho de Afonso III, que se divorciara da condessa Matilde em 1261. Teve por mestre Aymeric d'Ebrard e reconhecia a superioridade intelectual de seu avô

Afonso X. Escolheu para espoza D. Izabel, filha de Pedro III, de Aragão. O prestimoso monarca deixou 138 canções. «Devia exercer espontaneamente um grande influxo literário, nessa época de intensa atividade mental; e, ao passo que alentava o desenvolvimento do lirismo, fundava a Universidade de Lisboa, quando a de Salamanca, criada por Afonso, o *sabio*, parecia estacionária». D. Carolina Michaelis julga por este modo o ascendente desse rei:— «Considerando como apoou da lírica palaciana os anos de 1275 a 1280, em que o jovem D. Diniz, rodeado dos melhores trovadores do tempo do seu pai, dos veteranos do avô castelhano e de alguns artistas vindos da terra do seu sogro aragonez, manifestava o excepcional talento que possuia, penso que o plano do *bolonhez*, de reunir os produtos da Gaia Ciencia испânica, também foi iniciado e continuado até 1325 pelo filho». (*Canc. da Ajuda*, II, pags. 288).

A razão de amor, escreve o insobrepujável crítico d'As modernas idéas na literatura portuguesa, era a doutrina filosófica com que os trovadores explicavam o seu sentimento afetivo e apaixonado, que vem desde Arnald de Merveil até Dante, apresentando a forma mística do ideal da Virgem, e a cortezanesca da Dama, que se eleva à representação alegórica das Beatriz e Lauras. O rei D. Diniz conheceu a doutrina do amor, então recebida da filosofia platonica. Como determinar essa via? O *Tezoro*, de Bruneto Latini, foi conhecido em Espanha e estudado por Afonso, o *sabio*; Bruneto Latini é que comunicou a Dante, e lhe explicou, a filosofia platonica:— «Foi ele também o mestre do grande poeta Guido Cavalcante,

BIBLIOTHECA PUBLICA  
do  
ESTADO DO MARANHÃO

elejiaco e por vezes patetico, outras sensual, um dos mais fracos modelos do circulo epicurista da Florença». (Gebhart, *A Italia mistica*, pjs. 304). Dante memorou o rei D. Diniz, na sua *Divina Comedia* (*Del Paradiso*, canto XIX), e a proteção dada por este soberano aos Templarios, garantindo-lhes os seus bens e conservando-os com o nome de Cavaleiros de Cristo, mostra-nos que ele estava no conhecimento das doutrinas do amor, até no seu aspíto místico e heterodoxo. (*Recap.*, pjs. 234).

Fala na maneira do lirismo de caráter popular, «problema de um alto valor estético», que o gloriozo filólogo Frederico Diez primeiramente notou. Paul Meyer assegura:—«No ponto de vista do historiador literário, esta adoção do género popular, que no caso presente chega até a conservar a assonância, é um facto interessantíssimo. Revela-nos os poetas da corte de D. Diniz, dotados de um sentimento de poesia natural, que honra o seu gosto. Souberam alguns, de entre eles, imitar os trovadores, como o documentou Diez amplamente, mas ao mesmo tempo souberam dar prova de uma efetiva originalidade. Teem um lugar inteiramente independente na poesia da Idade Média e, se lhes não dão até hoje um maior, a culpa é dos eruditos, que se não empenharam em trazer à publicidade as suas obras». (*Romania*, I, pjs. 121).

Os trovistas de Leão, Castela e Aragão, empós do trespasso de D. Diniz, não cantaram mais. «É uma verdade histórica: terminado o ciclo dionizio acabou também a poesia provençal. Destronaram-a os *laïs bretões*».

O conde de Barcelos, filho ilegítimo de D. Diniz, monteado por seu irmão Afonso IV, acantonou-se junto do rei

castelhano Afonso XI, a quem instituiu herdeiro do seu *Livro das Cantigas*. «Reprezentaria esse *Livro* a realização do pensamento, iniciado no *Cancioneiro da Ajuda*, sob D. Afonso III, organizando em um corpo sistemático o Grande Cancioneiro Galego-Português, de que se dispersaram fragmentos por Espanha e Itália?».

Esse cancioneiro é assim recomposto por Teófilo:

- |     |   |
|-----|---|
| I   | } <i>Cantares de amôr</i> (Gram mestria)<br>} <i>Cantigas de amigo</i> (Mestria menor)        |
| II  | } <i>Cantigas de maldizer e de escarnho</i><br>} <i>Coplas de burlas e joguetes certeiros</i> |
| III | } <i>Cantigas sagrais</i> (Marial e santoral)   |

As 2.019 canções, que possuímos,—descontando as 310 canções repetidas,—são uma parte das composições líricas que andaram esparsas nas seguintes coleções de que ha apenas notícia e nas que se conservam:

#### I.—PEQUENOS CANCIONEIROS INDIVIDUAIS:

*Livro dos Sons*, do Dayam de Cales.

*Os cadernos*, de Afonso Eanes de Coton.

*Cantares*, de Lourenço Jogral, de Picandon, etc.

II.—LIVRO DAS TROVAS DE EL REI D. AFONSO:

*Cancioneiro da Ajuda.*

*Il Libro di Portoghesi.*

*Codice, de Bembo.*

*Codice limozino.*

*Libro spagnuolo di romanze.*

III.—LIVRO DAS TROVAS DE EL REI D. DINIZ.

IV.—LIVRO DAS CANTIGAS DO CONDE DE BARCELOS.

*Cancioneiro da Biblioteca do Vaticano.*

*Cantigas, Serranas e Dizeres Portuguezes, de D.*

*Mecia de Cisneros.*

*Cancioneiro, de um grande de Espanha (dos duques do Infantado, segundo Sarmiento ?).*

*Cancioneiro, apografo, de Anjelo Colocci.*

V.—CANTIGAS DE SANTA MARIA:

*Milagres de Nossa Senhora (¹)*

Os cancioneiros da *Ajuda*, da *Vaticana*, *Colocci* e *Cantigas de Santa Maria* concretizam, no dizer do marquez de Valmar,—«singularissimos monumentos romanicos,—são a revelação de uma lingua e de uma literatura». Diez, no estudo *Sobre a antiga poezia artistica cortezanesca portugueza*,

---

(¹) *Recap.*, pags. 246-7.

acentúa:—«Os seus ultimos cultores (da poezia provençal) procuram nacionaliza-la, aproximando a nova arte dos jeneros e da maneira indijena do povo. D'aí a predileção pelo *refren*, a forma *dialogistica* e, o que é da maxima importancia, a imitação do estilo vulgar. D'aí tambem a renúncia a pensamentos peregrinos e a todas as especies que não tivessem correspondido a qualquer realidade na vida da nação».

Vamos familiarizar nos com o ciclo post dionizio. «As duas côrtes, de Portugal e de Castela, afastadas por dissensões de familia, congraçaram-se intimamente, depois da estrondoza vitoria do Salado, em 1340. O encontro dos cavaleiros portuguezes com os poetas castelhanos e leonezes, nesse momento de um perigo comum e de heroísmo, teve uma ação carateristica na poezia palaciana. A epopéa castelhana, que se elaborara no predominio da lejislação foral sobre o código vizigotico, e «buscou naturalmente os seus herois, não entre os monarcas leonezes, mas entre os grandes vassalos rebeldes, turbulentos ou discolos de Burgos» (Menendez y Pelayo, *Antolojia*, XI, pags. 177), era, pela influencia portugueza, composta sobre o grande facto *historico* da batalha do Salado, ganha pela liga passajeira dos Estados cristãos dissidentes. [D. Afonso IV, pelo seu dezinteresse dos despojos da campanha, tornou se o exemplar do heroi]. (Recap., pags 255).

Afonso Jiraldes narrou num poema o *Sucesso da Batalha do Salado*, hoje desconhecido. Rodrigo Yanes, que entrara no referido recontro, ideou uma *Cronica em coplas de redondilhas de Alfonso Onceno*, que foi deparada manuscrita, em 1863, na biblioteca do Escurial. «A lingua portugueza

estava, no seculo XIV, no estado a que só nos fins do seculo XV chegaram os romances populares castelhanos. O poema de Rodrigo Yanes está cheio de *portuguezismos*; versos errados na metrificação e na rima ficam perfeitos, restituindo-os á forma portugueza. O professor de filolojia romanica dr. Julio Cornu chegou á concluzão, pelo exame linguistico, de que o poema de Alfonso Onceno conservava os vestijios de um orijinal portuguez».

O conhecimento direto das fiçõis bretãs, escreve o autor de *Sá de Miranda e a escola italiana*, deu se no primeiro quartel do seculo XIV, nesse periodo de sincrétismo, em que as jestas francas se convertiam em crónicas historicas e as narrativas poeticas eram *prozificadas*. O conde de Barcelos, no seu Nobiliario, tit. II, segue a *Historia Britonum*, de Geoffroy de Monmouth; a jenealojia do rei Artur é conforme os poemas da Tavola Redonda, citando como individualidades reais *Lançarote do Lago*, *Galvan* (Gauvain), a ilha de Avalon (*Islavalon*); seguindo o *Roman de Brut*, descreve as aventuras trajicas do rei Lear (Leyr) e do profeta ou bardo *Merlin*.—Esboçando estas correntes tradicionais, chegâmos ao fenomeno capital da formação da novela portugueza do *Amadis de Gaula*, que tão profundamente atuou na literatura novelesca da Europa até ao seculo XVII.

O inegualavel interpretador do *Cancioneiro da Vaticana* dezenvolve uma estupenda erudição para comprovar que a novela *Amadis de Gaula* se produziu no tempo de D. Diniz. E, após esta irrespondivel argumentação, infere:— «A publicação do Cancioneiro Colocci, em 1880, trouxe, sob os n.º 230 e 232, dois fragmentos de uma canção de

João Lobeira, que são um documento decisivo para demonstrar a origem portuguesa do *Amadis de Gaula* e dar realidade a um certo número de tradições acerca desta novela cavalheiresca». Garcil Ordoñez Montalvo enjendrou uma desmarcação frazista sobre o *Amadis*, confessando «a existencia de uma redação primitiva na sigla da *emenda por ordem do principe D. Afonso de Portugal*, no episodio dos amores de Briolanja». A primeira redação do *Amadis de Gaula*, que se constata no Cancioneiro de Baena, compunha-se de *tres livros*; seriam estes escritos pelo trovador João Lobeira, cabendo o *quarto* à transformação do seu filho Vasco de Lobeira.

Os criticos espanhois Milá y Fontanals e Menendez y Pelayo concordaram a respeito da prioridade do testo portuguez do *Amadis*, por Vasco de Lobeira. Mas o professor Gottfried Baist pretendeu contraditar essa prioridade, que tem uma patrocinadora na autoridade incontestável de D. Carolina Michaelis. Teófilo, encerrando este debate secular, certifica:—«Todas as negativas de Baist e laboriozas conciliações de D. Carolina Michaelis recebem uma nova luz, diante da existencia de um João de Lobeira, pai de Vasco de Lobeira, cujo testamento é datado de 1386, colocando nos assim, no seculo XIV, a simultaneidade dos *laís* liricos com as narrativas novelescas.—Quando se tornava difícil coordenar estes dois elementos, o cronológico e o artístico, foram achados, em Elvas, valiosos documentos, que autenticam a individualidade de João de Lobeira e de seu filho Vasco de Lobeira; coube essa gloria aos perseverantes esforços do grande folklorista da província do Alentejo, o nosso amigo

Antonio Tomaz Pires». (*Recap.*, pags. 291-292). Esse «feliz achado» foi comunicado ao infatigável arquiteto da Civilização Portugueza em 24 de novembro de 1903.

O injente crítico disserta, de pags. 299 a 346 da *Recap. da Hist. da Lit. Portug.*, sobre a origem portuguesa do *Amadis de Gaula*. E'-nos impossível rezumir essa infinita soma de pormenores,—com bastante pezar o dizemos. A exposição do atraente problema de historia literaria inicia-se na *lenda ajiolójica*. «A tendência para a personificação fez que muitas palavras qualificativas se convertessem em entidades: é uma das bases da lejendogonia. Assim a palavra *lonke*, a lança, tornou-se a individualidade de *Longuinhos*; o designativo *vera icon*, estampado no sudário, antropomorfizou-se em *Veronica*». *Amatos* foi concretizado por S. Jerónimo, como sendo um discípulo do eremita Antão. O ciclo do Santo Graal não é senão o desdobramento epico novelesco do evanjelho apocrifo de Nicodemus. «Quando começaram a elaborar-se os *laís* narrativos ou poemas sobre o *Amadis*? Pode determinar-se essa data por um processo negativo: é de 1170 a celebre canção de Guerau de Cabrera, que enumera todos os poemas que andavam na transmissão oral, do ciclo carlinjio e da Tavola Redonda, da mitologia classica e da biblia, e, entre essas preciosas referencias, nada se encontra aluzivo ao *Amadis*. Aí se apontam, contudo, *Tristan* e *Lancelot*, que animariam o tema novo—que ia ser elaborado em *laís* narrativos. Nos fins do século XII é que se espalham as *Chansons de toile* sobre o *Amadis*.» (*Recap.*, pags. 305).

Na segunda faze, a dos *laís* narrativos, citam-se o poema francês *Amadas et Ydoine*, a cantilena ingleza *Sir Amadace*, o

*Donat des Amants*, o *Confessio Amantis*, de Gower, o lai britanico *Emare*, o *Rejimento de Principes*, de Guido de Coluna.

A terceira faze trata da *novela ciclica prozaica*. «Nas redações em proza, que se sucederam, tanto pela corrente ciclica como pelo gôsto do tempo, os inumeros epizodios, as historias jenealojicas e os longos discursos fazem esquecer o simples trama, não deixando destrinçar as relações com o testo poeticor orijinario d'onde proveiu». No Nobiliario do conde D. Pedro vê-se que o nome de *Oriana* é uzado pela fidalguia lusitana, o que afirma a preponderancia beletristica do *Amadis* em Portugal, no começo do seculo XIV. O *Amadis* era tão popular em Espanha que foi motivo dos pintores dêsse paiz, no seculo XV.

Historiaram se depois a primeira redação portugueza do *Amadis* (de João Lobeira), a segunda (de Vasco de Lobeira), a terceira (de Pedro Lobeira) e quarta (*parafrastica*, do castelhano Garci Ordoñez de Montalvo).

João de Barros, no livro *Antiguidades e couzas notaveis de Antre Douro e Minho*, inscreveu: — «E d'aqui (do Porto) foi natural Vasco de Lobeira, que fez os primeiros quatro livros do *Amadis*, obra certo muito util e gracioza e aprovada de todos os galantes; mas como estas couzas se secam em nossas mãos os castelhanos lhe mudaram a linguagem e atribuiram se a obra». O filho do poeta e dramaturgo quinhentista Antonio Ferreira, em 1589, afiançava a existencia da «historia do *Amadis de Gaula*, por Vasco de Lobeira, cujo orijinal anda na Caza de Aveiro».

Pela corrente jeral das literaturas modernas, conclue Teófilo, determina-se tambem a orijem portugueza do

*Amadis de Gaula.* Enquanto as epopéas francesas eram assimiladas pelas literaturas romanicas, a Espanha elaborava ativamente as suas epopéas nacionais historicas. A Italia fez o sincretismo das jestas carlinjas, nos *Reali di Francia*, *Buovo d'Antona*, *Spagna* e *Regina Ancroja*, chegando ás belas fórmas artisticas de Pulci, Boiardo e Ariosto. Portugal identificou-se com o sentimento das novelas amorozas e de aventuras do ciclo arturiano da Tavola Redonda—e fez a sintese estetica do *Amadis de Gaula*, com que exerceu nas literaturas modernas uma plena hegemonia». (Recap., pags. 346).

Discerne, a seguir, sobre a—cultura latino-eclæsiastica, capitulo que se divide em *Os estudos quadriviais*, subdividido em *Filozofia e teolojia* e *As tradições latinas*, e *O poder real proteje o Humanismo*, compreendendo *Fontes poeticas da antiguidade classica*, *Fundação da Universidade de Lisboa*, *Nobiliarios* e *Cronicas e Relações historicas*. Deste manancial inesgotavel extrairemos somente o que mais de perto atine á ação mental portugueza.

A cultura teolojica, ensina o Mestre, dejenerava na dialetica, criando as rivalidades das Escolas: dominicanos e franciscanos, aos quais os papas confiaram o ensino da teolojia, eram inconciliaveis no seu antagonismo doutrinario, seguindo embora a filozofia de Aristoteles. Os dominicanos eram tomistas, porque S. Tomaz conciliara os processos criticos dos nominalistas com a teolojia especulativa; os franciscanos entregavam se ao subjetivismo dos realistas, defendendo as opiniões de Alexandre de Halés, porque lhes autorizava os devaneios do misticismo. Como observa Hauréau, na sua obra *Da Filozofia Escolas-*

tica:—«A paixão do seculo XIII é a filozofia; os chefes dos partidos beligerantes são comentadores de Aristoteles; os problemas, cuja solução ajita as consciencias, pertencem ao dominio das couzas abstratas». Estas duas correntes, conforme se lê na *Historia da Universidade de Coimbra*, foram superiormente reprezentadas por portuguezes, fóra de Portugal: a tomista, pelo afamado Pedro Ispano (o papa João XXI, no mundo profano Pedro Julião), e a mística por Santo Antonio de Lisboa (Fernando Martins de Bulhōis), que professou em Montpellier, Pádua e Tolosa.

Já numerosos portuguezes se haviam notabilizado nas Universidades italianas e francesas, quando o rei D. Diniz instalou, em 1291, a Universidade de Lisboa, que só em 1537 D. João III transferiu definitivamente para Coimbra. «A influencia das Escolas Arabes é considerada, por J. J. Ampère, como uma primeira Renascença. Os que tinham frequentado essas Escolas eram procurados individualmente e, em volta da sua *catedra*, num lugar isolado, agrupavam-se os espiritos sequiozoz de saber. A organização das Universidades foi o reconhecimento d'este novo modo de ensino, de que, tanto a igreja como a realeza, trataram de se apoderar.—A este periodo da criação das Universidades, no seculo XIII, chamou Ampère a segunda Renascença. Os reis fundavam Universidades para centralizar o ensino, evitando assim que os studiozoz fossem para as Universidades estranjeiras, de Bolonha ou de Pariz».

A organização dos Livros de Linhajens, no seculo XIV, consubstanciava uma impozição social. As mais conhecidas obras jenealojicas d'esse periodo são:—o *Livro*

*Velho das Linhajens*, com um fragmento, publicado por D. Antonio Caetano de Souza (*Provas da Historia Jenealojica*, t. I, pags. 145), Fragmento de Nobiliario, que andava junto ao *Cancioneiro da Ajuda*, e o Nobiliario do conde D. Pedro, que se conserva na Torre do Tombo. «Apezar das listas fatigantes dos nomes, aparecem, entremeadas, tradições maravilhozas da orijem dos solares, como da caza de Haro, dos Marinhos, as grandes prepotencias da arbitrariedade senhorial, como o incendio de castelos, o rapto e violação de mulheres, como o da decantada *Ribeirinha*—D. Maria Paes da Ribeira; a cegueira inflijida por vindita particular, a herança do crime e a vingança pessoal e o odio inveterado entre familias».

As tradições ou *Estoreas* foram transvertidas, por Fernão Lopes, em *Caronicas*. Houve então crónicas verazes e crónicas artificiais ou romantizadas. Destas vimos um bom exemplar no *Amadis*; daquelas ficaram atestados nos obituários e dietários dos claustros.

O surjimento subito do grande cronista Fernão Lopes, elucida o pontífice da intelectualidade portuguesa, no inicio do seculo XV, e a série das Crónicas dos reis de Portugal, que apógrafos e plagiários lhe desmembraram, não se comprehende sem determinar a filiação dessas narrativas, que ele integrou em uma forma da historia, como a entenderam Froissart e os notaveis cronistas da sua época.

A Crónica mais antiga que se conhece é anónima e relata os acontecimentos desde a fundação da monarquia até D. Diniz. Depois vem a *Cronica ou relação da conquista*

do Algarve. Traduziram tambem a *Cronica Jeral da Espanha*, em que se lêem aluzões a Portugal.

Atinjimos o segundo periodo da primeira época historica da Literatura Portugueza, em que rebrilharam os *poetas palacianos* e os *cronistas ou historiadores*, conforme já disse.

«Os trovadores ocitanicos tinham encontrado simpatia nas cidades italianas, que constituiam pequenas repúblicas; a canção amoroza idealizava situações da vida domestica, que ia ser o tema fundamental das literaturas modernas. Os burgueses opulentos, que transformaram algumas dessas repúblicas em principados, atraíam para as suas festas e palacios os troveiros que transpunham os Alpes. A poezia lirica italiana começou a ser elaborada por esta imitação e impulso social; e, quando a poezia trobadoresca se extinguiu, sob as violencias sangrentas da cruzada contra os albujenses, ou da realeza do norte contra o municipalismo do sul, esse lirismo ocitânico renascia pelo jenio italiano, que dos esboços poeticos soube tirar as formas belas, definitivas da canção, do soneto, da eleja, e insuflar-lhes o sentimento pelo idealismo platonico da Primeira Renascença e pela exaltação mistica cristã, que davam todo o relêvo á emoção do Amor». (Recap., pags., 383-84).

A poezia italiana não atuou diretamente em Portugal, nesse instante,—«porque, csgotadas as formas provençalescas, o jenio portuguez, pela facil assimilação, apoderou-se da corrente novelesca, que, lisonjeando lhe o espirito de aventura, o impeliu á ação historica. Nas lutas, entre Pedro Cruel e seu irmão bastardo Enrique de

Trastamara, interveiu o aventureiro bretão Bertrand Du-guesclin, dando assim ás fiçõis bretãs uma realidade sujestiva; as relaçõis com a corte ingleza vieram acentuar mais o interesse pelas novelas bretãs. Tudo afastava os portuguezes da passividade lirica; e, conquistada Ceuta por D. João I, como a chave do imperio de Fez, seguiu se essa série de feitos na ocupação do norte da Africa, «impuzeram um sentido real e verdadeiramente historico ao espirito aventureiro, nascido das fiçõis cavalheirescas, empreendendo-se e levando-se a cabo outras não menos afortunadas emprezas». (Amador de los Rios, *Hist. crit. de la lit. esp.*, VI, pags. 22). A exploração da costa ocidental africana e as navegaçõis atlanticas imprimiram á sociedade portugueza uma vida em que a atividade intensa a afastava das idealizaçõis do lirismo. De 1350 a 1445 observa-se uma grande falha na produção literaria portugueza; ainda assim a sua antiga influencia em Castela continuou-se até aos reinados de D. Juan II e Enrique IV, como o reconheceu Medendez y Pelayo ». (Recap., pags. 385 86).

Essa escassez é sanada pelo *Cancioneiro de Baena*, em que se vêem escritos de cantores que viveram de 1368 a 1406. «O facto de se encontrarem neste *Cancioneiro* versos de Vasco Pires de Camões,—terceiro avô do imperecivel épico d'Os *Luziadas*—, respondendo a outros que lhe são dirigidos, define bem o espirito de revivescencia do jenio galego, nessas lutas politicas, em que Portugal e Galiza se aproximavam». O receio de absorção, que conduzira os poetas de Aragão a manter o idicma patrio nas suas produçõis, arredou os portuguezes, politica e literariamente, de Castela, depois da vitoria de Aljubarrota (1385).

O infante D. Pedro foi admirador e amigo do poeta espanhol Juan de Mena. Por seu intermedio é que se teve notícia, em Portugal, dos literatos castelhanos. O inclito Rejente acompanhou D. João I, seu pai, á conquista de Ceuta, em 21 de agosto de 1415. Feito duque de Coimbra, no principio do ano seguinte, deu-se a trabalhozas viajens por diversas naçōis européas e ao Oriente. A Senhoría de Veneza ofereceu-lhe uma cópia das *Viajens de Marco Pólo*. Poetou e possuiu uma cultura apreciavel. Desditoso—atraído por um irmão espurio, o execravel duque de Bragança, e pelo rebento dêste, conde de Barcelos, que concitaram o rancor de Afonso V contra o tio e sogro—assassinaram-o, na cilada ominosa de Alfarrobeira, em 20 de maio de 1449.

D. Pedro de Portugal, filho do grande Rejente, aos dezeseis anos comandou uma expedição, de dois mil infantes e seiscentos cavalos, a Castela, em reforço de D. Alvaro de Luna, contra Aragão. D. Pedro, durante a reñencia de seu pai, rezidia nos castelos de Elvas e de Marvão, no Mestrado de Cristo, devotando-se a locubrações literarias. Afonso V, triunfante a vilanía de Alfarrobeira, destituiu o primo do cargo de condestavel e entregou o Mestrado de Cristo a seu tio, o impenetravel infante D. Henrique. D. Pedro endereçou a sua irmã D. Izabel, espoza de Afonso V, uma *Satira de felice e infelice vida*, que escreveu primeiramente em portuguez; compôz tambem uma *Trajedia de la insigne rainha D. Izabel*, ofertada a seu irmão D. Jaime, que morreu em Florença, sendo cardeal-bispo de Pafos, em 1457. Do seu exilio de Castela dirijiu a seu cunhado as oitavas *Del menosprecio e contempro de las*

*cosas formosas del mundo.* Afonso V, pela interferencia de sua mulher, restituuiu a D. Pedro o Mestrado de Cristo. O jovem condestavelcompanhioou o *Africano* a Ceuta, em 1463. Mas os fados eram adversos ao nobre descendente da vitima do primeiro duque de Bragança. Uma deputação de catalãis, em 1464, ofereceu lhe o principado e a coroa de Aragão. D. Pedro aceitou, partiu para Barcelona e, ao aportar ali, entrou em combate com o principe Fernando, sendo vencido. Internou se na Catalunha, falecendo em 1469, com 40 anos. Na sua biblioteca, formada por 69 volumes, contavam-se obras classicas, poemas italianos e franceses e tratados de moralistas. É uma das mais simpáticas e distintas figuras do seu seculo.

«O desenvolvimento da poezia palaciana seria um fact' inexplicavel, se a criação definitiva do poder monarquico não reduzisse a aristocracia a uma posição subalterna e parazita. Deu se este fenomeno social no tipo da monarquia francesa, que prevaleceu em Espanha e Portugal. Depois de atacada a nobreza no seu fôro, primeiramente pelo estabelecimento dos *Livros de Linhajens*, em seguida pela adoção de um *Código* ou *Ordenação comum*; atacada, na sua parte vital, a propriedade, pela *revogabilidade das doações régias*, pela necessidade das *confirmações jerais* e ainda por essa fíção romana—a *enfiteuse*; reduzida á inatividade, por ter acabado a reconquista sobre o poder muçulmano; e privada da ação individual, porque a sua justiça arbitrária tomára um carater absoluto na instituição do *ministerio publico*,—nestas condições em que se ocuparia a nobreza? Esgotada nas revóltas contra o poder real, ou lutando pelo favoritismo, acercou-se do rei, fez-se pala

ciana, inventou festas, torneios, divizas, brazões e, para encher os ocios tediozos dos serões do paço, fez-se também poeta». (Recap., pags. 405-06).

O *Cancioneiro Jeral*, compilado por Garcia de Rezende e publicado em 1516, reune uma boa parte das poezias da fidalguia lusitana do seculo XV, alegando o obezo rebus cador que muitas compozições se perderam, por se haverem os seus autores espalhado pelo orbe. «Os dezastres da invazão castelhana no tempo de D. Fernando, a que sucedeu, sob D. João I, o triunfo de Aljubarrota, a empreza guerreira no norte da África, iniciada pela conquista de Ceuta, as desgraças da corte do rei D. Duarte, que não pôde libertar seu irmão D. Fernando, morto no cativeiro, em Fez, o assassinato do infante D. Pedro, em Alfarrobeira, e a morte misteriosa dos seus filhos D. Izabel, espoza de Afonso V, e D. João, rei de Chipre; a perseguição contra o condestável D. Pedro e contra seu irmão D. Jaime dão nos um quadro bem sombrio, para fundamentar o descuido por essas muitas couzas de folgar e jentilezas, a que alude Rezende». — «Para empreender a compilação do *Cancioneiro Jeral* achava-se Garcia de Rezende numra situação privilegiada; entrára muito criança, para moço da camara de D. João II, que começou a reinar em 1481. Brilhava a poezia palaciana na corte dos reis católicos; a grande importancia que ele via dar no paço á poezia, que formava a parte mais interessante dos serões, levou Garcia de Rezende a cultivar também a poezia, e a sabe la julgar. O seu talento de muzico e dezenhador deu-lhe a simpatia do monarca. D. João II confessara lhe que a poezia era uma singular manha». (Recap., pags. 407-08).

A coletanea portugueza encerra composições de trezentos e cincoenta e um fidalgos. O *Cancioneiro* junta principalmente versos liricos, trazendo alguns episódios satiricos. Praticam se as *voltas*, *vilancetes*, *esparsas*, *apôdos*, *canções* e *endeixas*.

Ha, afóra o *Cancioneiro Jeral*, numerosos cancioneiros particulares, como o *Livro das Trovas de el rei D. Duarte*, o *Cancioneiro Portuguez*, o *Cancioneiro Portuguez da Biblioteca de Madrid*, o *Cancioneiro do abade D. Martinho*, o *Cancioneiro de D. Francisco Coutinho, conde de Marialva*, o *Cancioneiro do doutor Gualter Antunes*, etc. «Dos cancioneiros trobadores cos portuguezes até ao *Cancioneiro Jeral*, de Garcia de Rezende, vai um grande hiato, um vácuo, que em parte pôde ser preenchido pela enumeração dos poetas portuguezes que figuram nos vastos cancioneiros espanhois, e pela soma espantoza de motes velhos, cantigas, esparsas e dizeres, que passaram para a jeração quinhentista, e que lhe suscitaram a delicada sentimentalidade, ou sustentando a rezistencia dos poetas da medida *ve'ha*».

Nesta altura entra na líça o elemento popular, tranziendo as classes servas para um terceiro estado e incorporando-se entre os poderes da nação. «O nome de *romance*, que para os eruditos significava a linguagem vulgar, designava os cantares *sin regla, ni cuento*, deprimidos por Santillana; o povo, que conservava oralmente o seu tezouro tradicional, denominava-os de *aravias*».

As novelas de cavalaria,—explica Teófilo,—, com os seus sentimentos fícticos, penetraram nos costumes da sociedade portugueza, aparecendo empregados na aristocracia, como nomes civis, os dos principais heróis dos poe-

mas arturianos. Percorrendo os documentos do seculo XV acham-se no onomastico usual D. Izeu Perestrelo, D. Izeu Pacheco de Lima; sao vulgares os nomes de *Jenebra*, *Oriana* e *Viviana*; figuram *Tristão Teixeira*, *Tristão Fogaça*, *Tristão da Silva*; *Lançarote Teixeira*, *Lançarote de Melo*, *Lançarote de Seixas*, *Lançarote Fuas*; *Lizuarte de Andrade*, *Lizuarte de Liz*; *Percival Machado*; *Artur de Brito*, *Artur da Cunha*. Os *Votos Denodados* e as aventuras galantes da *Ala dos Namorados*, dos cavaleiros da *Madre Silva* e dos *Doze de Inglaterra* resultam de uma moda cortezanesca, estimulada pelo jenero literario dominante.—O ciclo da Tavola Redonda abranjeu as tradições britonicas da luta contra a invazão dos saxóis, sendo o rei Artur o heroi em que incarna toda essa rezistencia e a inextinguivel esperança de ressurgimento e triunfo.

As bibliotecas de então sobresaíam pelas iluminuras e encadernações. O custo dos livros era exorbitante e só os monarcas e os principes podiam adquiri-los. Sabe-se que a livraria do rei D. Duarte primava pela seleção das obras que a compunham. Os livros do celebre doutor Manganha eram tambem de subido valor, e as estantes do condestavel D. Pedro e de Afonso V citam-se como das melhores do tempo. Os copistas exerciam a função em que os substituiu o invento da imprensa, realizado em 1456. Esta prestantissima arte foi introduzida, em Portugal, no ano de 1465. Os seus trabalhos esplendidos tiveram o patrocinio da rainha D. Leonor, espoza de D. João II, a filantropica instaladora das Mizericordias portuguezas, que apreciou o lavrante Jil Vicente, cinzelador da preziosa custodia dos Jeronimos, e incentivou o seu homonimo,

professor de retórica de D. Manoel I,—o jenial criador do teatro lusônio, que Erasmo admirou.

«Os livros filozoficos desta época tem o caráter de compilações enciclopédicas, prevalecendo sempre o dogmatismo moral sobre as suas conclusões; destas obras, escritas em português no século XV, apenas se acha impresso o *Leal Conselheiro*, do rei D. Duarte; a *Virtuosa Benfeitoria*, do infante D. Pedro, e a *Corte Imperial* jazem inéditas na biblioteca municipal do Porto e na da Academia real das Ciências». (*Recap.*, pags. 470). Pelo último volume referido, da feitura de D. Duarte,—«pode saber-se o estado do conhecimento dos livros árabes em Portugal, numa época em que nos países mais civilizados da Europa eram desconhecidos». Cabe ainda a este proficiente dinasta uma nova codificação de leis, chamadas *Ordenações de D. Duarte*. Os jurisconsultos que se encarregaram de codificar as leis portuguesas, como João Mendes Cavaleiro, a mandado de D. João I, e Rui Fernandes, por ordem de D. Duarte e D. Afonso V, foram inegáveis tipos representativos da cultura humanista, no seu tempo.

«Apezar do exagerado respeito pelos latinistas estrangeiros, é no século XV que aparecem os grandes historiadores portugueses, escrevendo na língua nacional, com um admirável relevo pintoresco e com um elevado bom senso. A redação portuguesa julgar-se-ia então provisória, sendo destinada à amplificação do latim ciceroniano, como se pode inferir da despreocupação do estilo em Fernão Lopes, e dos variados plágios que deste cronista fizeram outros que lhe sucederam. A fundação de um Arquivo Nacional (Torre do Tombo), e a criação do cargo

de cronista do reino, inerente aos guardas desse Arquivo, atuaram diretamente sobre o desenvolvimento da forma histórica, determinando as capacidades de Fernão Lopes, Gomes Eanes de Azurara e Rui de Pinaz. (Recap., pags. 480).

Antes dessas crónicas, que podem capitular-se de oficiais, elaboraram-se a *Cronica da fundação do mosteiro de S. Vicente*, a *Vida de D. Telo*, a *Cronica do Condestabre*, sobre D. Nuno Alvares Pereira, e a *Cronica do santo e virtuoso infante D. Fernando*, o martir dos berberes, o abnegado refém, que, em holocausto á patria, se deixou morrer lentamente, num pútrido ergástulo de Fez.

D. Duarte, em 19 de março de 1434, tracejou a Fernão Lopes a incumbência «de poer em caronica as estoreas dos reis que antigamente em Portugal foram». O imorre-douro cronista refere-se á *Torre alvará ou do aver*, levantada para se guardar o erário dos reis. Depozitaram-se ali, já no reinado de D. Fernando, os livros das chancelarias. Esse edifício intitulava-se Torre de Menajem do Castelo de Lisboa, e d'aqui promana o nome de Torre do Tombo (tômo). Em 1403 separou-se o cargo de tezoureiro do de arquivista. Fernão Lopes tomou posse, em outubro de 1418, dessa função, exercendo-a trinta e seis anos e indigitando para o substituir Gomes Eanes de Azurara.

O fundador da Historia em Portugal, — «pelo realismo das suas narrativas, destacando-se pelo bom senso das tradições poéticas, mas conservando-lhes o sentido do ethos nacional, é comparável a Herodoto e a quantos seguiram esta forma injenua e pintoresca da objetividade das pessoas e dramatização dos factos anedóticos, pondo-

se a par de Froissart e de Joinville». Fernão Lopes escreveu a *Cronica geral do reino*, mas este inapreciável trabalho sumiu-se, havendo apenas, como da autoría do imortal narrador, as *Cronicas de D. Pedro I*, de *D. Fernando* e de *D. João I*, esta incompleta.

«Damião de Goes, na *Cronica de D. Manoel*, restituíu, pela primeira vez, por um processo critico, a Fernão Lopes, desde o conde D. Henrique até Afonso IV, as crónicas «dos reis que antigamente em Portugal foram». Confirmado, a autoridade de Damião de Goes escreve ácerca d'estes plájos:—«E ainda que algumas destas crónicas se acham acrescentadas ou recopiladas, como são a de D. Afonso Henriques, por Duarte Galvão, (a quem o grande João de Barros, na terceira *Decada*, livro I, cap. 4, chama seu *apurador*), a de D. Duarte, por Gomes Eanes ou Rui de Pina, as dos nove reis, por Duarte Nunes de Leão, —*sempre as substancias e o principal delas é de Fernão Lopes*».

Azurara aprontou a *Tomada de Ceuta*, as *Cronicas de D. Pedro de Menezes* e de *D. Duarte*, seu filho, a *Cronica de D. Afonso V* e a *Cronica da Conquista da Guiné*.—Rui de Pina fez as *Cronicas de D. Afonso V* e de seu filho, o príncipe *D. João*, (mais tarde *João II*), de *D. Manoel*, de *D. Duarte* e de *D. Sancho I* até *D. Diniz*.

«A Literatura da Idade Média, tão fecunda e nacionalmente original, foi uma das mais truncadas, ficando totalmente ignorada até ao momento em que a critica filozofica vivificou a erudição moderna. Grandes tesouros literarios estão hoje perdidos irremediavelmente; obras preciosas e inestimáveis foram descobertas, nas coleções ma-

nuscritas, pelas bibliotecas européas,—e um espolio valioso está atualmente publicado».

Desta digressão, imiscuido em meandros escabrosos, através de uma época ainda não inteiramente aclarada, tirei dois proveitos: —um, o de me embrenhar nas idades mortas, que tantas lições nos ministram, e outro, decerto mais agradável,—o de conversar alguns quartos de hora com um auditório jentil e seletivo. Ha incidentes, não o nego, um pouco aridos, um tudo-nada agrestes, nestas indagações. Mas, em compensação, este relance pelo passado enrija-nos para os prérios do presente e do porvir, impedindo nos a crer e confiar na marcha ininterruptamente progressiva dos seres humanos, propulsores conscientes e positivos da civilização.

BIBLIOTHECA PUBLICA  
do  
ESTADO DO MARANHÃO



FUNC-MA  
BIBLIOTeca Pùblica  
"Benedito Lobo"